

Nota de Encerramento

FERNANDO MARTINS CARRAPIÇO
Presidente do Conselho Técnico-Científico

Colegas,

Tratou-se de uma conferência que pretendeu reunir professores para debater um tema sempre atual – a formação de professores. É meu entender que o departamento de línguas conseguiu o seu propósito e por isso começo por dar os parabéns à comissão organizadora, quer pela escolha do tema, quer pela qualidade dos intervenientes. Aproveito para agradecer, também, o convite que me fizeram para intervir no seu encerramento. Não vou usar estas palavras para tratar o tema da formação de professores, mas gostaria de deixar três notas breves:

Primeira nota – uma referência à oportunidade para tratar a temática. Hoje, com as mudanças que ocorrem a velocidades astronómicas, importa, ainda mais, olhar o processo com uma acuidade e um cuidado superiores. Recordo que a profissão de professor tem sido atrapalhada constantemente com inúmeras alterações legislativas, quer em matérias de acesso e progressão nas carreiras, quer na constante alteração de metas, planos curriculares e organização de escola. O professor aparece, em segundo plano, num terreno viscoso que dá pelo nome de escola, que a sociedade tem vindo a desvalorizar sem ter consciência dos efeitos a médio e longo prazo que as ações de hoje terão. Essa mesma escola, que é composta por vários atores, parece esquecer-se ou renegar o papel de um dos seus principais atores, de acordo com o modelo que instituiu – o professor. Sendo este uma pessoa, possui características adaptativas e, dele, é esperado alguma plasticidade capaz de aguentar as constantes tempestades que o sistema vai sofrendo. Se hoje se pede ao professor que não ensine, mas que ajude a aprender, então devemos pensar que além de conhecimentos das matérias que abordar, terá de ter, obrigatoriamente, capacidades de liderança, humanidade e humildade suficientes para lidar com a massa mais importante de uma sociedade – as suas crianças e os seus adolescentes, cidadãos de pleno direito, hoje e, especialmente, amanhã, dia em que tomarão as rédeas dos nossos destinos. Pretendemos que esse ser seja capaz de perceber o seu lugar e caminhar ao lado do aprendiz, ajudando a encontrar soluções para problemas quotidianos, discutindo, com eles, opções, criando modelos de intervenção

sustentáveis e, não menos importante, aprender com eles. Vemos neste processo um sistema de *peer to peer*. Valorizamos o papel do professor enquanto líder, mas também o papel do aluno enquanto aprendente e parceiro de aprendizagens dos professores. Esbater o papel do professor, enfatizar o papel do aluno e assumir partilha, aproxima os saberes, valoriza-os de igual forma, contribui para assimilações mais profundas e melhora a construção do conhecimento.

Segunda nota – importa falar das entidades formadoras dos professores – as ESE. Muito haveria a dizer. Fico-me por uma referência ao salto qualitativo que se verificou da passagem do modelo de formação dos magistérios primários para os modelos das ESE. Enfatizo as incidências de âmbito regional que hoje se notam por esses currículos, ainda que esbatidas. Enfatizo também o reconhecimento da necessidade de valorizar a função docente com um grau académico adequado. Trinta anos passados questiono-me se as ESE conseguiram que os seus diplomados fossem capazes de cumprir uma função tão complexa e exigente como aquela que a sociedade espera deles. Não sei responder de ânimo leve. Antes, assaltam-me questões adjacentes, tais como:

- O perfil exato de professor que queremos formar é aquele que o professor efetivo que estamos a colocar no sistema possui quando lhe atribuímos o tão desejado certificado?
- A instituição escola está preparada para as mudanças que lhe são impostas de fora?
- Como deveremos atuar a montante? Isto é, na formação dos próprios formadores de professores?
- Como poderemos combater a orientação positivista do sistema?
- Havendo mudança de paradigma, como integrar os atuais professores formados à luz de uma filosofia espartilhada em unidades curriculares, todas elas certamente tão importantes?
- Como seria o processo de certificação dos alunos? E como é que a sociedade, que se baseia na avaliação dos seus membros em processos de certificação tradicional, reagiria e se adaptaria?
- E...

Terceiro nota – importa referir o valor da formação contínua (*life long learning*) que as ESE tão bem souberam assumir, como tarefa fundamental, quer para o processo de complemento de formação, quer para o processo de renovação dos agentes educativos, percebendo e fazendo perceber que a formação inicial é apenas o início de um processo

formativo para a vida. Disso, temos o exemplo do trabalho que, ontem e hoje, aqui se realizou. Que se veja este encontro, bem-sucedido, com o primeiro de muitos. Terminando deixando um apelo àqueles que estão no sistema ou nele pretendem entrar. É preciso olhar a escola como uma oportunidade de mudar a sociedade, com um pé no passado, *i.e.*, revendo a literatura, mas sempre a olhar para o futuro. O professor não pode ser saudosista afirmando que na sua geração é que se aprendia e que hoje os alunos não têm conhecimentos. Poderão não ter aqueles que os professores acham adequados, mas dispõem de um potencial enorme que lhes permite ir muito mais além do que nós alguma vez conseguiremos. Dispõem, ainda, de suportes digitais que os apoiam e lhes retiram tarefas rotineiras e lhes libertam memória e outras capacidades para poderem olhar os problemas com maior eficácia. Não podemos, portanto, esquecer que estamos a formar para amanhã e não para ontem. A responsabilidade hoje é nossa. Estamos a semear. Amanhã iremos colher. E a colheita dependerá do que semearmos hoje, e da forma como o fizermos. As gerações vindouras agradecem e avaliar-nos-ão.

Muito obrigado.